

BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
São Paulo - Setor de Publicações - Ano III nº 10 Novembro - Dezembro de 1992

DOS SETORES

Comissão Coordenadora Geral

**"NÃO-MAIS-QUERER E NÃO-MAIS-ESTIMAR E NÃO-MAIS-CRIAR!
AI, QUE ESSE GRANDE CANSAÇO FIQUE SEMPRE LONGE DE
MIM!"**

(Assim falou ZARATUSTRA)

Em nosso último contato via correspondência, fizemos-lhe um convite para participar de uma Jornada de Avaliação e Projetos para o Departamento de Psicanálise, realizada no dia 21/novembro/1992.

Na ocasião enviamos o programa da Jornada e nos comprometemos a enviar documentos - síntese das discussões preparatórias ocorridas nos diferentes Setores do Departamento.

Pois bem! Seguem agora alguns destes documentos que serviram de aquecimento para os trabalhos da Jornada à nível do Departamento como um todo.

Novamente enfatizamos que sua presença é sempre de fundamental importância bem como o é, para nós, a pertinência, nos melhores moldes possíveis, a esse espaço de formação permanente em psicanálise que é nosso Departamento.

DOS SETORES

Curso I

Sábado 19/setembro a equipe de professores se reuniu em uma jornada de discussões sobre o documento elaborado pela Comissão Coordenadora Geral (Boletim nº 9).

Entre os temas retomados na discussão se destacou a necessidade de continuar trabalhando o perfil que nos caracteriza como grupo de analistas e nos situa em relação ao panorama psicanalítico brasileiro por exemplo: postura contrária a análise didática, favorável ao trabalho em instituições e saúde mental. Sugeriu-se retomar materiais já produzidos para discutir-los e atualizá-

los, como por exemplo "Agenda de Psicanálise nº 1".

Em relação a questão do reconhecimento e autorização, se reafirmou que nossa instituição por enquanto não tem se afastado da idéia de não autorizar, mas de propor a necessidade de repensar as formas e modalidades institucionais de reconhecimento. Parecendo esta como será questão central a se trabalhar.

Novembro/1992.

Editorial

A maior parte deste número é dedicado a publicação dos textos especialmente preparados para a Jornada de Avaliação e Projetos organizada pela Comissão Coordenadora Geral. Sugerimos cuidadosa leitura ou mesmo releitura. Os textos não poupam os fatos: são claros quanto as dificuldades e preocupações que permeiam as atividades de alguns Setores. Estas dificuldades e preocupações serão tema de novas reuniões no ano de 1993.

Até lá.



DOS SETORES

Curso II

REFORMA DO ENSINO TEÓRICO DO CURSO DE PSICANÁLISE

O ensino de cada ano será conduzido por um grupo de quatro professores. Estes deverão preparar em conjunto as linhas de desenvolvimento e as modalidades de trabalho para aquela turma, ao longo do ano. Serão mantidas, como referência, duas atividades semanais de uma hora e trinta, além do seminário clínico.

Os temas e os conceitos aqui propostos devem ser trabalhados com espírito crítico, de maneira que se tenha a justa medida de seu alcance em dar conta do processo analítico.

PRIMEIRO ANO

Fundamentos metapsicológicos do tratamento psicanalítico I

Este tema geral compreende duas vertentes: a) da terapia catártica ao tratamento psicanalítico

Trata-se de refletir, tendo como linha de horizonte a clínica atual dos participantes, sobre o modelo do processo analítico correlativo às concepções que vão do tratamento catártico à invenção do tratamento psicanalítico, ou seja, às noções de trauma, descarga afetiva, ligação, recalque, conflito defensivo, resistência, etc.

b) O paradigma metapsicológico do sonho. O objetivo aqui é trabalhar sobre a incidência das concepções de pré-consciente (representações de palavra, processos secundários) em oposição a de inconsciente (representações de coisa, processos primários) numa reflexão sobre a teoria da escuta, de interpretação e da mudança psíquica (mobilização do sintoma).

A questão da natureza e função da linguagem no tratamento psicanalítico vai colocar-se aqui de maneira muito direta.

SEGUNDO ANO

O infantil na clínica psicanalítica

(Fundamentos Metapsicológicos II)

Comporta também duas vertentes:

a) Concepção freudiana da sexualidade e da pulsão-teoria da libido.

b) O Complexo de Édipo como organizador da "neurose infantil" e da "neurose de transferência".

Sob este título três eixos serão considerados:

1. O problema da repetição, da memória, da remuneração e da construção na análise.

2. A articulação da teoria do complexo de Édipo com a teoria da sexualidade em torno do complexo de castração (fase fálica). Tratar-se-á pois aqui da sexualização, isto é, da constituição da sexualidade masculina e da sexualidade feminina.

3. A concepção freudiana do inconsciente que, em torno do complexo de Édipo, apresenta-se de saída como relação ao outro, poderá ser considerada como constitutiva da situação analítica e da função do analista.

TERCEIRO ANO

A psicanálise e as neuroses de transferência. A descoberta da patologia narcísica.

a) Abordagem dos quadros neuróticos clássicos, da histeria e da neurose obsessiva. Poderão ser considerados tanto os casos clínicos de Freud como textos posteriores sobre o tema, de maneira a se poder avaliar

a importância destas referências psicopatológicas na clínica atual.

b) A patologia do Eu

Esta problemática poderá ser estudada em Freud, em torno da concepção do narcisismo em suas consequências para a clínica psicanalítica (cf., por exemplo, Para introduzir o narcisismo, Além do princípio do prazer e o *Ego* e o *Id*).

Não se poderá negligenciar aqui o importante desenvolvimento pós-freudiano, destas questões na clínica dos pacientes ditos "narcísicos" ou "borderlines".

QUARTO ANO

A clínica das psicoses e a análise de crianças

Poderão ser oferecidos seminários optativos dentro de temas específicos relacionados com a clínica das psicoses e a análise de crianças.

A título indicativo, lembramos que cabem aqui temas como teorias freudianas e pós-freudianas sobre as psicoses, o trabalho institucional com psicóticos e seus familiares, o acompanhamento terapêutico, etc.

O tema dos "momentos psicóticos" na clínica psicanalítica com pacientes não-psicóticos poderia também ser objeto de um seminário.

No futuro, poderão também ser oferecidos no 4º ano seminários sobre a clínica das depressões ou sobre a clínica das perversões.

Outubro/1992.

DOS SETORES

Curso III

DOCUMENTO ELABORADO PELA COMISSÃO COORDENADORA DO CURSO

Estamos propondo aos colegas uma modalidade de funcionamento que possa ir de encontro a duas imperiosas necessidades atuais.

1º) de maior contato entre os professores em torno de discussões teórico-clínicas derivadas do trabalho cotidiano no Curso.

2º) de maior contato do conjunto de professores com os alunos quer enquanto grupos constituídos no momento em seminários e supervisões, quer enquanto trajetórias individuais dos alunos.

Nossa proposta implica na participação de todos os colegas, tendo como ponto de convergência o trabalho comum. Esperamos

que com esta forma de funcionamento a transmissão, cuja razão de ser coletiva está esvaziada, possa se restabelecer de sentido e de prazer.

Mais do que uma organização em instâncias diretivas ou resolutoras, a proposta se refere a modalidades de reuniões de trabalho.

Na questão que nos norteia - a solidificação de um enfoque clínico no Curso - estas reuniões são fundamentais, na medida em que podem nos dar aproximações do que está ocorrendo e do que consideramos desejável que ocorra. Enfim, a possibilidade de delinear nosso perfil enquanto proposta de formação.

Estas reuniões também são importantes para que os colegas possam ir avaliando os alunos - o que significa uma responsabilidade coletiva em termos da formação - e para que possam, igualmente, avaliar o seu próprio desempenho (suas dificuldades, os caminhos que têm buscado na transmissão, etc.). A questão de poder conversar sobre as dificuldades também dos professores poderia ser vista como uma abertura para um procedimento ético - a responsabilidade coletiva pelo aluno, responsabilidade coletiva pelo que é comum a todos - a formação. Propomos pois para o nosso funcionamento a partir de 1993:

1) A constituição de uma comissão Coordenadora, composta por cinco membros, em abril próximo, devendo assumir suas funções pelo período de um ano.

Quatro de seus integrantes serão ao mesmo tempo os respectivos representantes de ano.

2) A Comissão se encarregará, além dos problemas ocasionais, de caráter administrativo, da preparação e da convocação das reuniões já previstas ou que se tornem necessárias, isto é:

a) uma reunião de alunos e professores por ano, em cada semestre, para discutir o andamento do curso;

b) uma reunião dos professores, por semestre, para falar do andamento dos seminários clínicos;

c) quatro reuniões científicas em que os professores de cada ano poderão expor e discutir os temas desenvolvidos no seu grupo de trabalho e em seus seminários. Estas reuniões serão feitas de preferência no 2º semestre, tendo por objetivo a discussão dos problemas teóricos estudados, no sentido que o trabalho de ensino foi para o grupo de professores ocasião de um trabalho de reflexão e pesquisa.

d) reuniões dos professores quando e na medida em que se fizerem realmente necessárias em funções de assuntos emergentes na Instituição.

Embora funcionando de forma integrada a Comissão Coordenadora comportará uma subdivisão de funções: um de seus membros terá a função de secretário, dois outros ocupar-se-ão especialmente das questões referentes ao acompanhamento da "atividade clínica" dos alunos (se estão trabalhando, se têm pacientes, supervisão, análise, etc.), segundo as modalidades que forem sendo encontradas; outros dois serão encarregados da organização dos encontros científicos entre professores, ou seja, aqueles previstos acima e outros que possam parecer viáveis no âmbito do curso (o objetivo é aqui propiciar ocasiões de trocas teóricas e teórico-clínicas entre professores e, eventualmente, entre professores e alunos).

O representante do Curso junto ao Departamento não precisaria fazer parte da Comissão,

podendo integrar-se a ela quando isto se fizer necessário.

Está em estudo a possibilidade de implementação de supervisões individuais, com um dos analistas do corpo docente e pelo período de um ano, para todos os alunos engajados no processo de formação.

No documento "Reforma do ensino teórico do Curso de Psicanálise", encontram-se as propostas complementares de funcionamento e de organização do currículo.

Terminamos com uma reflexão da Maud Mannoni, em "DA PAIXÃO DO SER A LOUCURA DE SABER": "para que uma comunidade analítica permaneça viva e mantenha um espaço para a invenção, é essencial que ela não se fundamente unicamente nas estruturas de ensino, nas relações "professor - aluno". Ora, como vimos, no grupo fundado pelo próprio Freud, chegou um momento em que as relações de ensino foram preferidas às relações entre pares. Algo de uma abertura para o inconsciente corre, assim, o risco de perder nessa passagem a uma "mestria". Daí a importância, para aquele que ensina, de continuar a frequentar as reuniões científicas entre pares, reuniões onde é de lugar de analisando que ele se faz ouvir pelos colegas. O espaço inaugurado por Freud em 1906 é, nesse sentido, um espaço onde colocar em comum a experiência do inconsciente."

Novembro/1992

DOS SETORES

Saúde mental e instituições

A leitura e discussão do documento elaborado pela Comissão Coordenador Geral - "Balanço de um ano e meio de Gestão" - publicado pelo Boletim de Setembro/Octubre/1992 teve para nós um efeito mobilizador.

Ocorrida em quatro reuniões extraordinárias do Setor de Saúde Mental e Instituições, marcadas exclusivamente para esse fim, essa discussão teve o mérito maior de nos colocar em posição de retomar a história recente do próprio Setor e fazer falar conflitos e enganches de difícil explicitação, mais de muita operância no funcionamento do grupo.

Para começar retomando a dificuldade recorrentemente expressa de se explicitar as diferenças, observamos que na história recente do Setor de Saúde Mental (a partir do

final de 1990), ora conseguimos construir procedimentos para processar nossa divergência e não deter o trabalho, ora nos vimos frente à situações impeditivas e paralizadoras.

Temos vivido nos últimos dois anos a experiência do crescimento do Setor com a entrada de novos membros e com a realização de novos tipos de atividades.

Considerando nosso desejo de que o Setor fosse um lugar de formação para seus membros, um centro de discussão sobre questões relativas à saúde mental e instituições marcadas por um posicionamento e uma atuação política, organizamos em 1991, junto com o Setor Eventos, uma mesa redonda sobre a Lei Antimanicomial do Deputado Federal (MG) Paulo Delgado Durante esse ano discutimos diferentes projetos de trabalho: propostas de convênio com o Estado,

supervisão num hospital dia de crianças, num Distrito Regional da Prefeitura e outros. Estimulados pela prática de supervisão estudamos a psicose infantil.

O crescimento do Setor e o aumento de demandas de trabalho de supervisão - clínico - institucional para os equipamentos da Prefeitura de São Paulo, nos colocou, como grupo, frente à necessidade de encontrar estratégias claras, com etapas acordadas por todos, que legitimassem o que chamamos de seleção interna ou poderíamos dizer, "dar nome as diferenças de percurso entre nós" para conseguirmos reconhecer algumas pessoas que poderiam ocupar novos cargos de supervisores e também para podermos reconhecer outras possibilidades desejos existentes entre os membros do Setor.

Esse processamento, com todas as discussões sobre lugares de poder, estratégias de reconhecimento, formas de autorização que implicava, nos absorveu bastante.

Usamos o primeiro semestre de 1992 para a construção e execução desses processamentos. Porém foi só nas reuniões preparatórias da Jornada que explicitamos coletivamente, que apesar de termos conseguido fazer a seleção e do trabalho na Prefeitura estar andando, não conseguimos terminar de forma clara o processo dentro do Setor. Isso evidenciou a presença recorrente de um clima difícil de desconfiança, suspeitas de boicote, manobristas e outras. O que entendemos desde já é que se presentificaram momentos de dificuldades em relação à circulação, ao exercício do poder e de encontrar formas de reconhecimento, produzindo constrangimentos (de sustentar posições conflitantes) até impossibilidades de se ter algum lugar no Setor.

Avaliamos também que se conseguirmos esclarecer projetos a serem encaminhados por uma gestão de CCG muitos dos problemas da relação entre representantes e Setores, Setores e CCG, membros de Setores e CCG poderiam ser sanados. No Setor de Saúde Mental estamos nos propondo a ela-

borar um projeto de trabalho para o próximo ano. Vale ressaltar que no tempo de vida deste Setor já foram feitos alguns movimentos neste sentido. Em nossa discussão sobre o documento da CCG nos deparamos com a pergunta. E o projeto do Departamento? Como gestá-lo? Será a soma dos projetos dos Setores? Podemos tirar esboços dele na jornada? E o projeto inaugural do Departamento?

Intriga-nos desde a segunda reunião do Setor, o surgimento no documento, da palavra autorização como um dos requisitos para a formação do analista. Resgatando o discurso do Curso e da fundação do Departamento, que surge como afirmação, e também como oposição ao discurso da Sociedade de Psicanálise: a construção de um Departamento baseado no reconhecimento e não na autorização, na pertinência e não na filiação, entendemos que a novidade trazida pela CCG, merece ser amplamente discutida e processada no âmbito da jornada.

Também levantamos a hipótese, não exclusiva, muito menos com pretensões globalistas ou absolutas, do que nos parece ser uma das linhas de força que atravessa o funcionamento do Departamento: haveria um "recalcamento institucional", (se é que pode

falar assim) qual seja, a não legitimação institucional dos lugares de saber. Isso produziria efeitos diversos, mas principalmente, voltando sob a forma de desautorização do saber e da produção em diferentes níveis, nos diversos âmbitos institucionais.

Para concluir, por ora, gostaríamos de resgatar um encaminhamento que talvez, possa responder a estas indagações e hipótese, surgido no âmbito do Setor: a explicitação e detalhamento de tantos projetos quantos houver, internamente, em todos os Setores e na própria CCG. Este seria um caminho possível na possibilitação da emergência de formas novas dentro do Departamento, que poderiam advir, bem como uma proposta para um melhor equacionamento da questão da representação.

Por fim, ressoa ainda uma questão, levantada por uma das pessoas que participaram da elaboração destas reflexões e que fica como mais uma tentativa de fazer deste escrito, um dispositivo analisador do que vem nos acontecendo, além de analisar o que se passa com a circulação do saber e do poder, a outra questão é poder pensar o que se passa com a circulação dos afetos.

Novembro/92

DOS SETORES

Publicações I

PERCURSO

O Setor de Publicações responsável pela PERCURSO - Revista de Psicanálise - em suas reuniões, especificamente naquela em que se discutiu o Departamento, vem colaborar com esta jornada, apontando questões que poderiam nortear este encontro.

A equipe de PERCURSO, pensa que uma das questões centrais deste Departamento é justamente aquela onde a circulação da produção dos Setores não encontra ressonância.

É possível citar que o Curso, mantido pelo Departamento, não é um veículo de divulgação de nossa revista. (Digo nossa revista justamente por que ela é produto deste Departamento e não apenas do Setor que a edita). Os alunos, aqueles que supostamente vêm ao encontro deste curso para estar em contato e participar das produções psicanalíticas atuais, não são, em sua maioria, assinantes de PERCURSO, nem tão pouco, pessoas que demonstraram interesse em participar de um Setor do Departamento. Para maior clareza destes dados, gostaríamos de apresentar alguns números:

Neste ano de 1992, o Curso de Psicanálise, conta 101 alunos matriculados; sendo que 30 alunos no primeiro ano, 27 no segundo 18 no terceiro, 17 no quarto e mais 9 alunos que apenas mantem-se em supervisão; deste total, 39 alunos são assinantes de PERCURSO, ou seja 38,61%.

Ainda no que se refere à participação direta no Departamento, deste total de 101 alunos, apenas 15 alunos são membros, ou seja 14,85% estão inseridos em alguma atividade do Departamento.

São sinais que merecem a reflexão de todos, justamente neste momento onde as razões apoiadas na situação econômica do País parecem justificar toda e qualquer conjuntura interna, neste caso, a do nosso Departamento.

Seria interessante apontar ainda para a escassez de atividades integradas entre os diferentes setores. Queremos dizer com isso que parece haver um isolamento das atividades do Departamento, configurando o

que se poderia chamar de departamentalização, dentro do próprio Departamento. Como já dissemos, são sinais interessantes, que envolvem mais de um Setor.

Especificamente no caso do Setor de Publicações, a revista PERCURSO, tem se colocado à disposição para cumprir seu papel de veículo dos movimentos do Departamento, mas este espaço não tem sido utilizado da mesma forma como é oferecido. Assim sendo, nossa sugestão é a de começarmos a pensar o Departamento como uma unidade e não como a soma de partes, que ao nosso ver, dilui sua identidade.

Outro fator que tem sido palco de algumas discussões que até agora não foram devidamente elaboradas, encontra-se justamente na questão dos Setores, onde seus membros são financeiramente remunerados. Há, por outro lado, aqueles Setores financeiramente ativos, onde seus membros não partilham desta receita; como é o caso da PERCURSO.

Nossa opinião é que o divisor de águas, neste caso, deveria ser a compreensão da "hora de trabalho". Ou seja, aqueles membros que no desempenho de suas funções no Departamento, ocupam suas agendas com atividades previamente marcadas, envolvendo af, atendimentos, cursos, supervisões

e etc, à terceiros, receberiam tal remuneração. Aqueles em que este caso não se aplica, deveriam se abster deste tipo de remuneração. Todavia, aqueles assim como estes deveriam, segundo nosso ponto de vista, contribuir com o Departamento através de uma porcentagem, cujo valor, sugerimos

seja definido pela CCG. Por outro lado, propomos que todos os Setores financeiramente ativos mantenham um caixa próprio para sua maior autonomia.

Assim, colocamos algumas questões que foram pautadas em nossos encontros, para que sejam apreciadas por todos.

DOS SETORES

Publicações II

BOLETIM

Os dois anos de edição do Boletim foram precedidos de alguns meses de reuniões para definir o que e como ele deveria ser, levando em conta, de um lado, o momento e as características do nosso Departamento, e de outro, as convicções do próprio grupo. O resultado foi insistentemente registrado nos editoriais.

Assim, nossa convicção inicial era de que o Boletim deveria retratar o mais fielmente possível os diferentes movimentos do Departamento, com a menor interferência de nossas críticas e preferências; aliás crítica precisavamos sim (e muitas) mas para garantir esta fidelidade. Com o tempo nova convicção se somou a primeira: o Boletim deve ativamente criar espaço para todos. Passamos a convidar os membros do Departamento para escrever: sobre os seminários organizados por Eventos, seu próprio trabalho, sobre o Departamento. Grande

parte das pessoas não tem o hábito de escrever; acreditamos que o Boletim, por suas características, possa facilitar o exercício da escrita tão importante para a circulação das idéias. Um dos temas da comunicação da Comissão Coordenadora Geral é justamente a respeito de "nossa identidade como agrupamento", que "psicanálise representamos". O Boletim é um meio possível para agilizar esta "revelação" via textos de maior número de pessoas.

Em sua realização, há três fases distintas. Primeiro, a busca do material, segundo, leitura e avaliação do material recebido, e terceiro, sua organização para chegar até a gráfica. O grupo se arranjou de tal forma que há acesso de todos os participantes a qualquer fase do trabalho, mas ao mesmo tempo não há necessidade de todos participarem sempre dos três momentos; cada um pode privilegiar sua participação mais

numa fase que em outra mas tendo que estar sempre de acordo com a forma final da edição estabelecida em reunião realizada no início dos trabalhos de cada número. Por outro lado, o grupo está constituído de modo que cada participante pode ou não colaborar na edição de um determinado número; isto é, pode se afastar e tornar a voltar na edição de um próximo. Portanto há um duplo rodízio: nas diferentes fases que envolvem o preparo do Boletim, e na participação propriamente.

Consideramos importante a manutenção de um representante do Boletim na Coordenação do Departamento por ser o lugar de convergência de questões bastante relevantes. Por fim avisamos que o grupo está interessado em receber novos membros.

Novembro/92

DOS SETORES

Publicações III

REVISTA PERCURSO

O grupo da revista PERCURSO chegou em novembro de 1991 esgotado.

Constituído de duas comissões, a administrativa e a editorial, caducou-se em seu modelo originário onde "o pessoal do administrativo administra", e o pessoal do editorial cuida dos textos, matéria prima de qualquer revista. Embate, exaustão - fatos relatáveis, outros não: falência.

Mas a PERCURSO existia. Existia e tinha crescido. Crescemos juntos? Quem cresceu? Tornou-se urgente uma melhor distribuição das tarefas administrativas e editoriais a partir da viabilização de uma estrutura possibilitadora de circulação e criação de novas vozes. Embarcávamos na abertura de novas formas

de inserção: a parte administrativa, no que diz respeito às idéias e diretrizes seria da responsabilidade de todos (alguns se ocupariam de executá-la), e as múltiplas tarefas editoriais seriam compartilhadas.

Assim foram abertos os grupos de resenha, crônica, entrevista e tradução.

Pessoas interessadas no trabalho com resenhas encontraram-se algumas vezes. O trabalho individual tem tomado vulto (quatro resenhas foram feitas e serão publicadas no próximo número nove), e no que concerne ao grupo propriamente dito estamos iniciantes. Como seria possível um trabalho para tal grupo? Temos algumas idéias, como por exemplo, produção de debates

sobre os conteúdos resenhados e sobre o trabalho de resenha propriamente dito.

Por motivos vários, alguns bem conhecidos como por exemplo, a urgência cronológica, e outros a serem pensados, a discussão das resenhas frita deu-se entre cada autor e alguém do grupo editorial. Um possível trabalho de um grupo de resenhas, apenar de tudo o que temos caminhado, ainda esta por vir.

O grupo de entrevistas passou, há pouco tempo, a ter três participantes e os grupos de crônica e tradução não foram constituídos.

A área administrativa retoma seu desenvolvimento sob o comando do Renato. Das cem assinaturas com que contávamos no

final de 91, chegamos hoje à marca de trezentas e vinte.

Mas nesse trajeto surgem as seguintes questões. Até que ponto temos podido TRANSFORMAR nossos relacionamentos, enquanto membros desse Departamento, para além de estruturas que comportem trocas com quem está imediatamente do lado? Dois a dois, três a três, as coisas vão acontecendo, as tarefas desse grupo vão sendo cumpridas. Mas como é que PERCURSO se coloca em relação a um projeto mais global desse Departamento? Neste, uma de suas propostas centrais é a "formação permanente". Temos podido desenvolvê-la, enquanto setor de publicações, visando tanto os membros do grupo quanto os dos outros setores? Sim, PERCURSO tem se preocupado com a publicação de textos dos

Membros do Departamento, assim como com a divulgação do trabalho dos diversos setores. Mas além disto, a revista, pelo seu porte, ... A revista, pelo seu porte, não eclipsaria um outro trabalho a ser feito em um setor de escrita - publicações? Temos podido, enquanto setor, congregando as pessoas interessadas em torno da discussão sobre este fazer-escrita/publicações, pra uma maior familiaridade das mesmas com esse trabalho?

Estas questões que passam pelo Departamento como um todo, necessitam de melhor reflexão no grupo de PERCURSO. Talvez, este se componha de pessoas que, em parte têm levado este debate em outros grupos de pertinência (curso, comissão coordenadora, etc.) ou em conversas informais. Se esses debates têm sido vazios dessa

forma, pensamos que seria importante podermos retomá-los no grupo da revista para que este se fortaleça enquanto tal e que busque assim cada vez mais propostas próprias que venham de encontro às necessidades do Departamento, assim como à participação, o mais efetiva possível daqueles que o desejarem.

A multiplicação e a consistência de espaços de inserção como estrutura viabilizadora de circulação do trabalho (e no nosso caso, do trabalho com texto: escrita e editoração assim como, a reflexão sobre essas atividades) continua nos parecendo fundamental para efetivação do Percurso - de todos.

Novembro/92

DOS SETORES

Eventos

A. DOS PRINCÍPIOS E FINALIDADES

O Setor de Eventos, atuando em consonância com os princípios do Regulamento Interno do Departamento de Psicanálise e com a Carta de Princípios do Instituto Sedes Sapientiae, vem a reafirmar sua posição frente a eles.

Considerando que, junto com os demais setores, representamos uma face externa deste Depto., e enquanto face interna, a busca e consolidação de uma identidade, ou conjunto de atributos que nos caracterizam enquanto grupo, reiteramos:

a) O Setor de Eventos como um espaço onde um grupo de analistas preocupados com a produção no âmbito da Psicanálise, propõe a realização de eventos que proporcionam o desenvolvimento teórico, a reflexão

sobre a prática clínica e o repensar sobre nosso lugar enquanto analistas, bem como a Instituição à qual pertencemos.

b) Propondo-se o Depto. como um lugar de mútuo reconhecimento, e que este somente poderá advir da prática clínica, da produção e reflexão teóricas, o Setor de Eventos também se propõe como veiculador da circulação de idéias, do intercâmbio, e da produção individual, possibilitando assim o exercício da criatividade.

c) Considerando ainda o respeito ao convívio com a multiplicidade de linhas teóricas, o Setor se propõe a promover o confronto das diferenças teóricas, proporcionando um espaço de constante revisão da teoria e do desenvolvimento de suportes teóricos que

ampliem as possibilidades de renovação e crítica da prática clínica.

d) O Setor de Eventos se preocupa ainda em contemplar o contexto histórico-social e político, pois que, considerando o sujeito como objeto da Psicanálise, o pensar e a prática, ao mesmo tempo que submetidos a estes fatores, constituem um corpo de pensamento cuja força de ruptura possibilita a inserção neste contexto, atuando como força transformadora. Este fato tem norteado nossa articulação com outros campos de conhecimento, para que não incorramos no risco do cientificismo neutro ou numa prática apolítica.

B. QUESTÕES E PROPOSTAS

As atividades do Setor iniciaram-se por volta de 1985, sendo um dos primeiros setores a se desenvolver, contribuindo à implantação do Depto. A princípio, as atividades eram desenvolvidas de forma um tanto "amadora" ou "doméstica". Porém, uma observação mais acurada irá mostrar que eram atividades com alto grau de participação, tanto por parte da assistência - era grande o nº de participantes - quanto por parte dos membros mesmo que de outros setores. (Nós mesmos colhíamos assinatu-

ras, cobrávamos ingressos, vendíamos publicações, etc.).

Isto necessariamente irá apontar para uma configuração de equipe muito coesa e solidária. Não haviam demarcações rígidas de ordem burocrática ou administrativa. As próprias funções muitas vezes circulavam. E apesar disto, os resultados foram positivos. Basta comparar o balanço do início e do final da gestão.

Se por um lado isto só poderia ser possível - e não necessariamente desejável - com um

nº menor de pessoas, por outro, à medida que o Depto. foi crescendo e tomando corpo, o que antes era "amador" tornou-se necessário "profissional". E, cremos, neste ponto - e não podemos precisar por qual razão - este "algo mais", ou esta relação solidária, perdeu-se. E, quer nos parecer, a comunicação entre os setores foi se tornando uma verdadeira Torre de Babel, onde não se fala a mesma língua e onde mal se sabe o que acontece com o setor do vizinho. Como se faltasse um sentido do coletivo e

uma relação orgânica entre os setores. (Isto para quem participa do Depto.; para quem não é um membro ativo, as coisas ficam bem mais difíceis).

Em resumo, isto acontece em função do crescimento do Depto.? Sim. Mas o que dizer do desinteresse dos membros em renovar sua pertinência, ou da pouca adesão de novos membros? Podemos observar o nº de adesões durante estes anos e compará-lo com o nº de alunos, ex-alunos, professores, etc. Observamos ainda, na mesma linha de raciocínio, a pouca receptividade com os espaços propostos, principalmente a partir deste ano, tanto para eventos de grande porte, quanto para eventos internos, ou ainda aqueles de interesse geral e social tais como os eventos da Aids e da Minoridade. O espaço Aberto, por exemplo, apesar de todos os esforços, em certas épocas se viu desativado, por falta de interesse em ocupá-lo. Atualmente temos recebido alguns pedidos e estamos tentando reformulá-lo.

Gostaríamos de reafirmar nossa proposta, no sentido de recolocar a importância para nós mesmos e para os demais membros, de que o Setor de Eventos reflita não só uma política de interesses e da Carta de Princípios, mas os interesses dos profissionais ligados a este Depto. Nosso interesse em discutir no coletivo é o de procurar reconhecer as causas que levam a um desinteresse

pelos atividades do Setor de Eventos e da inserção no Depto., como também propor metas.

Discutí-las, no interior do Setor, a partir de momentos de dificuldade pelos quais passamos, que vão desde a elaboração da programação a dificuldades de ordem administrativa, por falta de recursos para gráfica, correio, etc., foi de enorme utilidade para este grupo. Trouxe-nos uma melhor compreensão de nosso lugar e de nossa tarefa, e maior continuidade, coesão e solidariedade.

Finalmente, ficam estas questões a serem pensadas, pois dizem respeito a todos nós. Com relação ao que propor, qual postura assumir para o próximo ano, na tentativa de resgatar um modo de convivência que de fato volte a ser uma troca inter pares, um modo de convivência que passe pelo afetivo; enfim, tentar reaver vínculos com a instituição Departamento e entre os pares que, a nosso ver, se encontram esgarçados. Assim, propomos:

- a) incentivar e contar com a participação de mais membros. O Setor está aberto a todos que queiram contribuir com propostas, idéias, sugestões, bem como se integrar ao grupo de trabalho. precisamos de sangue novo. Os últimos elementos que se integraram foram de grande valia;

- b) realizar eventos menores, porém com garantia de uma verdadeira troca de idéias;
- c) delinear nossa ideologia, não mais com base na alternativa à(s) outra(s), mas sim apossando-nos do que nos é próprio e nos identifica como instituição;
- d) maior preocupação com a situação do campo analítico geral. Que possamos ser observadores atentos da realidade, sem pré-conceitos, porém levando em conta nossa história.

A institucionalização a nosso ver não se resume apenas a regras estabelecidas e seu cumprimento, ou à definição ideológica de altos objetivos. Faz-se necessário nos vermos como sujeitos em formação constante, ligados a um grupo, pois é isso que nos confere pertinência. Desenvolver uma certa generosidade, no sentido de poder acatar e conter diferenças, suportar desigualdades de interesses, de capacidades; aproveitar a experiência com o outro.

E que o investimento nesse trabalho nos traga prazer, reconhecimento mútuo e maior união.

Novembro/92

DOS SETORES

Clínica

SOBRE A CLÍNICA PSICOLÓGICA DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Em meados de setembro de 1992 a diretoria do Instituto Sedes, de posse das respostas ao questionário que fez circular em todos os seus níveis sobre o andamento da Clínica Psicológica do Instituto, resolveu convocar representantes de Departamentos, Cursos e demais instâncias envolvidas com o trabalho clínico no Sedes, para uma troca de idéias sobre a clínica.

De início havia uma disposição da diretoria para pensar e estruturar uma Comissão Coordenadora que teria como uma de suas funções repensar a Clínica que todos sabemos ser uma clínica de cursos, um serviço de atendimento voltado para a triagem de pacientes que se enquadram às exigências dos alunos em formação e, portanto, das suas possibilidades de atendimento.

A partir de uma série de apontamentos, uma questão foi se tomando cada vez mais pujante e dizia respeito à possibilidade e ne-

cessidade de se repensar o projeto mesmo - Clínica de Cursos.

Surgiu então, neste momento, a proposta de se inverter os termos da equação e passar à discussão de um projeto alternativo de Clínica Psicológica do Instituto, para depois se pensar numa possível Comissão Coordenadora para os trabalhos desta Clínica.

Optou-se então por colocar entre parênteses, momentaneamente, as discussões em funcionamento e gestar um projeto novo de Clínica Social para o Sedes.

Desde outubro de 92 reuniões vêm acontecendo da qual fazem parte representantes de alguns cursos (Psicoterapia Reichiana, Psicoterapia Psicanalítica da Criança, Psicanálise, Formação em Psicanálise, Psicoterapia Psicodinâmica de Adultos), um representante dos funcionários, um representante do CEPIS, dois representantes da diretoria do Instituto, um representante da

triagem da Clínica e a coordenadora da Clínica.

Do Departamento de Psicanálise, as pessoas que se dispuseram a participar deste início dos trabalhos foram Adriana e Cleusa.

É importante lembrarmos que este processo teve início assim que o Setor Clínica do Departamento de Psicanálise se declarou vago em um dos nossos últimos Boletins Informativos (Boletim nº 9). As pessoas que compunham o Setor Clínica até então, dado o esgotamento de suas potencialidades de trabalho junto ao Instituto que se declarava fechado ao atendimento de reivindicações fundamentais para a implementação daquele projeto clínico que vinha sendo praticado já há mais ou menos três anos, resolveram deixar o Setor. Tudo isso foi veiculado entre os membros do Departamento e amplamente discutido na Comis-

são Coordenadora Geral, embora até o momento, não se tenha conseguido um processamento satisfatório num âmbito coletivo do Departamento.

É neste momento em que o Setor Clínica do Departamento se coloca vago, processando internamente o esgotamento do projeto, pedindo um tempo para reflexões e produções de documentos explicativos dos entraves institucionais - Instituto e Departamento, que a diretoria do Sedes convoca as primeiras reuniões.

Consultados sobre suas disponibilidades de participação no nível em que o Departamento estava sendo solicitado, as pessoas que estavam deixando o Setor Clínica do Departamento se colocam como indisponíveis e a Comissão Coordenadora geral encampa a proposta de participação das pessoas referidas anteriormente.

Na sequência, estas pessoas tiveram um encontro com Fátima e Antonieta e outro com Cleide, Lucia e Lourdes onde houve uma troca de idéias sobre as possibilidades de inserção do Departamento neste momento proposto pela Diretoria.

Foi decidido que participariam das reuniões junto ao Instituto, as quais evoluíram para a formulação de um projeto que acreditamos estar sendo possível dado o terreno fértil que o antigo Setor deixou através do seu trabalho e da sua tentativa de inserção em moldes que apontavam para a necessidade de transformações da Clínica em andamento no Instituto.

Estamos num momento em que, em reuniões semanais tanto à nível de um grupo que

se forma no Departamento: Adriana, Cleusa, Lourdes, David, quanto à nível da Comissão do Instituto Sedes, definições mínimas em torno de objetivos de uma Clínica Social e operacionalização dos mesmos, estão sendo expressas.

Em seus contornos esta Clínica vem se delineando como Clínica de Atendimento, Formação e Pesquisa, cujo caráter prestação de serviços se constitui como determinante sobre o antigo caráter Clínica de Cursos.

Com isso pretende-se dar conta da questão essencial que permeia a constituição de uma Clínica Social que é a ênfase no sujeito que demanda um trabalho em torno do seu sofrimento psíquico e não no estudante em formação.

A formação será um dos tripés desta Clínica assim como a pesquisa, porém, todos estes âmbitos estarão de certa maneira referenciados ao âmbito atendimento que se pretende abrangente para dar conta das demandas existentes no momento e da criação de demandas específicas através de convênios com instituições públicas e/ou privadas que sejam do interesse dos profissionais ligados à Clínica e do Instituto.

Com isso fica também enfatizado o caráter profissional dos trabalhos a serem desenvolvidos através deste projeto de Clínica. Os responsáveis pela Clínica serão profissionais contratados para dar conta dos diferentes âmbitos de atuação da mesma.

A Clínica que se propõe, é uma Clínica do Instituto Sedes, portanto, uma Clínica Geral que comportará trabalhos clínicos espe-

cíficos a cada linha de formação existente no Sedes (Cursos), mas comportará também outros núcleos de referência/pesquisa que se impuserem como desejo e/ou necessidade da Clínica.

As discussões avançaram minimamente também, na explicitação da operacionalização deste projeto. Ficou decidido à nível das reuniões gerais que seria divulgado um texto síntese das discussões ocorridas até o momento para ser discutido nos diferentes âmbitos de trabalho do Sedes para posterior aprovação. Este documento: "Ante-projeto da nova Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae" encontra-se a disposição na secretaria do Departamento.

No que diz respeito a nós e a nosso Departamento, estamos participando destas reuniões gerais do Instituto, levando nossas contribuições e nosso objetivo é, de posse do primeiro esboço de projeto, abrimos uma discussão geral à nível de Departamento e ampliarmos o grupo de trabalho.

Nas duas últimas reuniões contamos com a adesão de mais uma colega, Cláudia J. Monti Schonberger e estamos abertos para a participação de demais interessados o que poderá ser viabilizado a partir de março/93 quando estaremos apresentando o percurso até então realizado, numa reunião a nível de Departamento com data a ser divulgada oportunamente.

Contamos com sua participação.

REPORTAGEM

"O sujeito na época do eclipse da razão"

No dia 21 de Outubro de 1992, o Departamento de Psicanálise recebeu a filósofa Olgária C. F. Mattos, professora do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. O evento contou com a participação do psicanalista Renato Mezan, membro deste Departamento.

Uma missão "quixoteana" a mim foi reservada: escrever uma sinopse deste encontro. Como apresentar o pensamento de Olgária sem cometer uma traição com suas palavras. Esta era minha questão após o encontro. Naquela noite, estive literalmente perturbado; embaraçado com meu pensamento e com as sementes que Olgária havia plantado. Percebi, de súbito, que o sucesso nesta missão se daria tal como Fernando Pessoa propõe em um de seus poemas: "Sentir é compreender. Pensar é errar. Compreender

o que a outra pessoa pensa é discordar dela. (...)". Iste me valeu para poder construir algo diante de suas palavras.

Olgária, com sua inteligência, impressiona pela leitura filosófica, e por que não dizer, pela viagem que faz, um transporte que se dá, indubitavelmente, no tempo e no espaço. Trata-se de um caninhar habilidoso e competente pela filosofia, remetendo-nos a conceitos que questionam a condição de analistas. Antes disso, uma condição de ser no mundo.

Portanto, minha tarefa frente ao "festival de inteligência" (parafraçando Renato Mezan) que Olgária nos proporcionou torna-se uma possibilidade de erro, na medida em que tentaria compreender o que disse e como disse. Mas posso, sim, dizer o que ela me permitiu sentir.

Sobretudo, a sensibilidade é o que transpira da fala de Olgária; uma sensibilidade possível a partir do momento em que se questiona a posição cartesiana (cogito ergo sum). Olgária demonstra e sustenta, apoiando-se na escola de Frankfurt, que nas entranhas deste saber iluminista existe uma sombra; uma sombra que é continente da incoerência, não acolhida por este pensamento totalitarista. Pontua que a Razão é responsável pelo irracional (nesta caso cita o Nazismo como uma consequência do racional).

Nossa filósofa constrói um discurso que nos permite reconhecer tal sombra em nosso próprio pensamento. Esta sombra, oriunda de algo equivalente à própria onipotência solar (assim, talvez, se possa definir o iluminismo) é produtiva, frutifica através de

sua própria incoerência. Eis o sujeito. Fruído do eclipse da Razão. A mesma Razão iluminista que pretendia dar conta de um sujeito que construíra, se frustra nas suas próprias esperanças, quando da incontinência da irracionalidade que emerge dela própria.

A participação de Renato Mezan foi precisa; abriu fronteiras para uma reflexão. Este mergulho, ou melhor dizendo esta viagem, pontuada por ele mesmo, se fez através do

próprio silêncio. Um movimento que se opôs ao convite que lhe foi feito: Debater. Sua resposta: "Não vou debater coisa alguma nenhuma!" Não havia o que debater. Olgária nos desorganizou. Fez sombra em nosso pensamento.

Em dado momento Olgária diz que o objeto da Psicanálise é o irracional e que seu método é racional. Apesar disso, cabe ressaltar, a escuta contém tal irracionalidade. Isto parece ter sido demonstrado por Renato.

Por fim, nosso departamento, através do setor de eventos, mas uma vez cumpre com a tarefa de estar produzindo em Psicanálise. Uma Psicanálise que não se coloca fechada, mas que recebe o estrangeiro, ouvindo-o.

Wilson Klain

REPORTAGEM

INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS EM UMA COMUNIDADE DE STRESS: ENSINO DE UMA EXPERIÊNCIA EM ISRAEL

Esteve conosco o Prof. Nehemia Friedland, Dr. em Psicologia Social e do Comportamento, coordenador da área de Psicologia Social da Universidade de Tel-Aviv.

Recebemos a proposta de convidá-lo através da Sociedade de Amigos da Universidade de Tel-Aviv em São Paulo, e resolvemos aceitar apesar do tempo disponível à divulgação por mala direta ser insuficiente. Pensamos com isso garantir a oportunidade de conhecimento de sua fecunda experiência. Dentre os temas propostos por ele, escolhemos: "Intervenções psicológicas em uma comunidade de stress: ensinanzas de la experiencia Israeli". A palestra foi proferida em inglês a um pequeno grupo.

Instituições e profissionais bem treinados encampam os alicerces do projeto que tem por objetivo o atendimento à população, dedicando particular atenção às especificidades das diferentes faixas etárias e às contingências políticas nas quais estão inseridos. Alvo principal: minimizar efeitos stressantes de atos terroristas.

Cada bairro tem seu núcleo integrado: Universidade - Hospital Geral - Clínica psico-

lógica - Escolas. A equipe de trabalho é multi-disciplinar: psicólogo, psiquiatra, assistente social.

Professores treinados em aconselhamento atuam nas escolas com a postura de prevenção e acompanhamento de casos mais leves, sob a supervisão do psicólogo responsável por aquela escola e que também pertence ao corpo profissional da clínica psicológica.

Além do atendimento usual na clínica psicológica surgem os momentos de trabalho externo, quando ocorrem os atos terroristas. Cada equipe tem o mapa de seu bairro e, já anteriormente organizados, se dirigem aos pontos mais "fragéis" da cidade onde há escolas, asilos, etc...

Neste momento o teatro entra em cena, a dramatização do imediatamente ocorrido, a representação lúdica da vivência traumática, permite, principalmente às crianças, a possibilidade da elaboração interna do fato real.

Este grupo tem desenvolvido técnicas dirigidas à supressão de sintomas, como por exemplo distúrbios do sono, que são trata-

dos em laboratório onde, através do uso de lâmpadas especiais que imitam a luz do dia e da noite, proporcionam um ambiente propício para reinstalar o ritmo do "relógio" interno de cada um.

Apesar de nossas diferenças teórico-clínicas (o modelo apresentado pelo Prof. N. F. Está referendado numa abordagem comportamental), fica-nos o exemplo de um serviço de atendimento social efetivo muito bem organizado e o desejo de desenvolvermos e aprimorarmos nossos próprios modelos de acordo com nossa realidade social e colocá-los em prática.

Agradecemos ao Prof. Nehemia Friedland por sua contribuição.

Prof. Nehemia Friedland tem vários artigos publicados, seu curriculum encontra-se na secretária do Depto. e ele se dispôs a enviar-nos outros materiais que possam nos interessar.

Adriana De Bona

PONTO DE VISTA

UMA IMPRESSÃO SOBRE A JORNADA

Quando um pequeno grupo da Comissão Coordenadora Geral começou a organizar a Jornada, pensávamos em facilitar que múltiplas vozes do Departamento pudessem se fazer ouvir.

Depois da experiência de sábado estou gratificada. Acho que conseguimos criar um dispositivo que nos ajudou, a todos, a co-

meçar a conversar sobre algumas de nossas questões.

Gostei muito de ouvir, como uma resposta à pergunta "quem somos?", a observação "somos o que produzimos". Isto no bojo de uma proposta de continuarmos conversando sobre nossas produções.

Temos muito trabalho para 93, mas agora, depois da Jornada posso imaginá-lo com prazer.

Eliane Berger

ARTIGO

BREVE ANÁLISE DO ÍNDICE TEMÁTICO DE PERCURSO 1/8

O índice fornece elementos para uma análise do que vimos publicando, a partir da frequência com que são abordados certos temas e não outros. Uma primeira contagem dos itens com maior comparecimento na revista mostra que os 77 artigos publicados desde o número 01 distribuem-se em 75 rubricas, das quais 25 (1/3) contam com 6 ou mais entradas. As outras 50 têm 5 ou menos, o que as deixa de fora desta análise. O maior número de entradas corresponde à rubrica "Freud: Conceitos, Técnica". Esta rubrica envolve referências às idéias e práticas de Freud, aos seus casos, enfim, às Sagradas Escrituras da psicanálise. Vinte dos 77 artigos, portanto 26% ou um em cada quatro, contêm referências maiores ou menores a Freud como interlocutor do psicanalista contemporâneo. Isto reflete, da maneira mais clara possível, a orientação do Departamento e sua posição no campo psicanalítico, que toma como referência privilegiada o pensamento e a prática de Freud. (O eixo do curso também é Freud, como todos se lembram). Freud comparece como referência metapsicológica e clínica: no aspecto meta-psicológico, conceitos como "pulsão de morte", "agressividade", "angústia" aparecem com 6 entradas nas respectivas rubricas; "sexualidade feminina". E "inconsciente" com 7; "narcisismo" com 9 e "ideal do ego" com 6; "memória/recordação" com 7. Isto sugere que, dentro do amplo espectro da obra freudiana, preferimos publicar artigos com um enfoque dinâmico/econômico, mais próximo da clínica cotidiana tal como aparentemente a concebemos.

A revista dedica um espaço considerável à clínica: 13 artigos, ou 1 em cada 6 (17%) contêm relatos clínicos com material de sessões ou de experiências clínicas em ge-

ral. Isto se confirma pela densidade das rubricas "processo analítico" (9 entradas), "transferência" (9), "funcionamento do analista" (11), "interpretação" (7). Mesmo considerando o caráter necessariamente genérico destas rubricas, é visível a preferência por trabalhos que focalizam os grandes eixos do trabalho analítico tal como Freud o concebia. Para comparação, pode-se verificar a notável ausência de termos ligados a outras linhas dentro da psicanálise, em especial as da escola inglesa. Melanie Klein, Bion, Winnicott, são referências relativamente raras nos trabalhos enviados e aceitos para publicação.

Isto já não ocorre com Lacan, objeto de 14 trabalhos sobre os 77 (1 em cada 5 aproximadamente). Além do fato de termos publicado um número centrado no pensamento de Lacan, vários artigos não-lacanianos utilizam ou se referem de modo importante e seus conceitos, especialmente os de "sujeito" (9 entradas), "desejo" (10 entradas) e "narcisismo" (9 entradas). No que tange ao narcisismo, é claro que Lacan não tem o monopólio deste conceito, mas é significativo que 6 dos artigos que focalizam este problema o abordem sob o aspecto dos ideais, tema para o qual Lacan chamou bastante a atenção. Isto indica, a meu ver, que a revista reflete adequadamente a predominância do pensamento de Lacan na psicanálise brasileira atual, quer gostemos ou não desta predominância: sem ser uma publicação lacaniana (4 em cada 5 artigos não se referem a este autor), certos temas ligados a seu nome são frequentes nos trabalhos aceitos, espelhando provavelmente também a forte influência da psicanálise francesa entre nós do Departamento.

Quanto à presença de temas ligados a questões sociais ou "extramuros", esta é a se-

gunda rubrica mais densa do índice: 16 artigos (1 em cada 5) se ocupam de "psicanálise e fenômenos sociais". Um número duplo e um número comum abordaram mais especialmente estas questões, sobre a violência em especial. Creio que isto liquidada de vez com a opinião infundada de que a revista não espelha a vocação do Departamento, nem sua ligação com uma psicanálise interessada no que ocorre fora do consultório. Isto é comprovado também pela presença de muitos artigos nas rubricas "Psicanálise no Brasil" (8, ou 10%) e "Ética" (8 também). A questão da formação do analista também é frequentemente abordada (8 artigos em 8 números, em média um a cada número).

Por fim, outras rubricas refletem o interesse pelas questões de teoria psicanalítica em suas relações com a filosofia ("epistemologia da psicanálise" tem 10 entradas, "psicanálise e filosofia" 9, ou seja, mais ou menos 1 artigo em cada 7). Outra área interdisciplinar frequentemente tocada é "Psicanálise e Literatura" (9 entradas). Estas rubricas elencam várias resenhas de livros, contendo menos artigos propriamente ditos.

O que ressalta desta breve análise é que Percurso edita artigos num amplo espectro de temas (75 rubricas!), mas com linhas definidas de seleção: artigos referenciados ao pensamento de Freud em primeiro lugar, voltados para questões clínicas numa perspectiva que abrange a reflexão teórica, epistemológica e metapsicológica, e que com muita frequência, tomam como objeto a realidade social e cultural. É esta a revista que temos publicado.

Renato Mezan

Expediente

Conselho Editorial

Anna Correia, Eva Wongtschowski, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Sonia Maria Rio Neves

Produção Gráfica

AD Tecnologia Gráfica Laser - Tel.: 887-0518

Impressão

Copiadora TekGraf - Tel.: 872-5724

Tiragem

400 Exemplares

Redação, Administração e Correspondência

R. Ministro de Godoy, 1484 - CEP 05015 - São Paulo/SP - Tel.: 262-8024